

Tomás de Aquino – Criação, participação e graça: Cristo sal

Jean Lauand

A tradição cristã vale-se de diversas formas, metafóricas ou não, para designar Cristo, algumas extraídas das próprias falas de Jesus e das Escrituras. Fórmulas mais ou menos consagradas pelo uso, cada uma acentuando este ou aquele aspecto de seu ser ou de sua missão redentora.

Com alguma surpresa, deparei com a expressão “Cristo é o sal”, recolhida na *Catena Aurea in Marcum* (cp 9, lc 6) de Tomás de Aquino. Muito mais familiares, para ficarmos só no Evangelho de João, são “o pão” (6, 35); “a luz” (8, 12); “a porta” (10, 9); “a ressurreição” (11, 25); “a vide” (14, 6); “o caminho”, “a verdade”, “a vida” (14, 6); etc.

Algumas dessas formas remetem a um conceito chave para a compreensão da relação entre Cristo e os cristãos: o de *participatio*; participação, evidente, por exemplo, na metáfora “Cristo vide”.

A participação é importante porque é conceito distintivo do cristianismo: ser cristão, mais do que aderir a uma doutrina, é participar da filiação divina de Cristo: um conceito impensável, digamos, para o islamismo ou para o judaísmo. Para os cristãos, nós temos a filiação no Filho; a luz na Luz; a verdade na Verdade; etc. Se o fato essencial do cristianismo é a ligação com Cristo, é natural que o Evangelho apresente comparações que permitam falar da dinâmica de estar ligados/desligados nEle.

É essa chave que permite também a distinção que o Cristianismo – como todas as religiões – faz entre bons e maus; justos e injustos, inclusive no seio da própria Igreja. Nas Jornadas Mundiais da Juventude de 2005, Bento XVI declarou: “Pode-se criticar muito à Igreja. Sabemos, e o Senhor mesmo nos disse: é uma rede com peixes bons e maus, um campo com trigo e joio (Vigília das JMJ; Marienfeld, 20-08-05).

Para além das comparações de bem/mal: bom pastor / mau pastor (Jo 10, 11 e ss.); joio e trigo (Mt 13, 25 e ss.); peixes bons e peixes maus (Mt 13, 46 e ss.), etc., as metáforas da participação permitem acentuar o elemento de desvirtuamento, de corrupção das pessoas ou instituições (“Vós sois o sal...”) da Igreja: “Se a luz que há em ti são trevas...” (Mt 6, 23); “se o sal se desvirtua...” (Mt 5, 13; Mc 9, 50; Lc 14, 34).

Pois, como no caso da seita dos fariseus, muitas vezes, os mais “religiosos”, os mais praticantes é que são o sal desvirtuado. E é interessante notar que o próprio Tomás (que vai falar de sais que não são sal), lembra o provérbio que diz que para se conhecer uma pessoa (ou instituição) verdadeiramente é necessário antes comer um saco de sal com ela:

Non contingit quod aliqui seinvicem cognoscant antequam simul comedunt mensuram salis (Sent. Libri Ethic. lb 8, lc 3, 21).

Os cristãos, hoje, certamente continuam a considerar a passagem do Evangelho em que Cristo fala do sal, mas é muito raro dizer que Cristo é o sal. Embora o Evangelho não diga expressamente que Cristo é o Sal, alguns autores antigos recolheram essa idéia, também na clave da *participatio*.

Mas, antes, vejamos, brevemente, esse conceito em Tomás.

A *participatio* no pensamento de Tomás

Ao contemplar a grande e grandiosa obra de Tomás de Aquino, James Weisheipl faz sugestiva observação: “Tomás, como todo mundo, teve uma evolução intelectual e espiritual. O fato assombroso, porém, é que, desde muito jovem, Tomás apreendeu certos princípios filosóficos fundamentais que nunca abandonou” (Weisheipl, 1994, p. 16)

Um desses princípios é o da participação, que é a base tanto de sua concepção do ser como – no plano já estritamente teológico – da graça.

Para podermos analisar a metáfora do sal na clave da *participatio*, algumas considerações de base sobre a doutrina tomasiana da participação.

Freqüentemente as grandes teses de Tomás se elucidam a partir do uso comum da linguagem. Começemos reparando no fato de que na linguagem comum, “participar” significa —e deriva de— “tomar parte” (*partem capere*). Ora, há diversos sentidos e modos desse “tomar parte” (Ocáriz, 1972, p. 42s). Um primeiro é o de “participar” de modo quantitativo, caso em que o todo “participado” é materialmente subdividido e deixa de existir: se quatro pessoas participam de uma pizza, ela se desfaz no momento em que cada um toma a sua parte.

Num segundo sentido, “participar” indica “ter em comum” algo imaterial, uma realidade que não se desfaz nem se altera quando participada; é assim que se “participa a mudança de endereço a amigos e clientes”, ou ainda que se dá parte à polícia.

O terceiro sentido, mais profundo e decisivo, é o que é expresso pela palavra grega *metékhein*, que indica um “ter com”, um “co-ter”, ou simplesmente um “ter” em oposição a “ser”; um “ter” pela dependência (participação) com outro que “é”.

Como veremos em mais detalhe, Tomás, ao tratar da Criação, utiliza este conceito: a criatura *tem* o ser, por participar do ser de Deus, que *é*. E a graça nada mais é do que *ter* —por participação na filiação divina que é em Cristo— a vida divina que *é* na Santíssima Trindade.

Há – como indica Weisheipl (1994, p. 240-1) – três argumentos subjacentes à doutrina da participação: 1) Sempre que há algo comum a duas ou mais coisas, deve haver uma causa comum. 2) Sempre que algum atributo é compartilhado por muitas coisas segundo diferentes graus de participação, ele pertence propriamente àquela que o tem de modo mais perfeito. 3) Tudo que é compartilhado “procedente de outro” reduz-se causalmente àquele que é “per se”.

Nesse sentido, adiantemos desde já as principais metáforas de que Tomás se vale para exemplificar: ele compara o ato de ser —conferido em participação às criaturas – à luz e ao fogo: um ferro em brasa tem calor porque participa do fogo, que “é calor”; um objeto iluminado “tem luz” por participar da luz que é na fonte luminosa. Tendo em conta essa doutrina, já entendemos melhor a sentença de Guimarães Rosa: “O sol não é os raios dele, é o fogo da bola” (1979, p. 71).

No plano natural, todas as criaturas, quer materiais, quer racionais, participam do ser e, portanto, da natureza divina; toda a criação, e o homem especialmente, por

sua perfeição própria, reflete no seu ser a Bondade, a Verdade, a Beleza de Deus. No plano sobrenatural, porém, ocorre uma participação da natureza divina como divindade, uma participação de Deus enquanto Deus, um tornarmo-nos Deus; passamos a ser *divinae naturae consortes*, como diz São Pedro (2 Pe 1, 4), participantes da própria vida íntima de Deus. E isto, diz Tomás, é a graça.

A participação sobrenatural atinge por inteiro o ser humano, de tal forma que se pode falar de uma “nova geração” ou “re-criação” (I-II, 110, 4); torna o cristão “filho de Deus” de uma maneira totalmente nova: o cristão participa da Filiação do Verbo – Cristo é Filho de Deus, e o cristão, que participa de Cristo, tem a filiação divina. Esta filiação divina distingue-se absolutamente daquela pela qual todos os homens são filhos de Deus, porque participam, ao existirem, do ser de Deus.

Tomás insiste nesse participar de Deus: “A graça é uma certa semelhança com Deus de que o homem participa” (III, 2, 10, ad 1); “O primeiro efeito da graça é conferir um ser de alguma forma divino” (In Sent. III, 2 d. 26,155); “Pela graça santificante, toda a Trindade passa a habitar na alma” (I, 43, 5).

Participação envolve, pois, graus e procedência. Tomás parte do fenômeno evidente de que há realidades que admitem graus (como diz a antiga canção de Chico Buarque: “tem mais samba no encontro que na espera...; tem mais samba o perdão que a despedida”). E pode acontecer que a partir de um (in)certo ponto, a palavra já não suporte o esticamento semântico: se chamamos vinho a um excelente Bordeaux, hesitamos em aplicar este nome ao equívoco “Chateau de Carapicuíba” ou “Baron de Quitaúna”.

As coisas se complicam – e é o caso contemplado por Tomás – quando uma das realidades designadas pela palavra é fonte e raiz da outra: em sua concepção de participação a rigor, não poderíamos predicar “quente” do sol, se a cada momento aplicamos a palavra “quente” para coisas esquentadas pelo sol, dizendo que a casa ou o dia estão quentes (se o dia ou a casa têm calor é porque o sol é quente).

Assim, deixa de ser incompreensível para o leitor contemporâneo que, no artigo 6 da *Questão disputada sobre o verbo*, Tomás afirme que não se possa dizer que o sol é quente (*sol non potest dici calidus*)! Ele mesmo o explica, anos depois, na *Contra Gentiles* (I, 29, 2), que, a rigor, não poderíamos dizer que o sol é quente, mas também há razões para acabarmos dizendo quente (*calidus*) tanto para o sol como para as coisas que recebem seu calor:

Como os efeitos não têm a plenitude de suas causas, não lhes compete (quando se trata da ‘verdade da coisa’) o mesmo nome e definição delas. No entanto (quando se trata da ‘verdade da predicação’), é necessário encontrar entre uns e outros alguma semelhança, pois é da própria natureza da ação, que o agente produza algo semelhante a si (Aristóteles), já que todo agente age segundo o ato que é. Daí que a forma (deficiente) do efeito encontra-se a outro título e segundo outro modo (plenamente) na causa. Daí que não seja unívoca a aplicação do mesmo nome para designar a mesma *ratio* na causa e no efeito. Assim, o sol causa o calor nos corpos inferiores agindo segundo o calor que ele é em ato: então é necessário que se afirme alguma semelhança entre o calor gerado pelo sol nas coisas e a virtude ativa do próprio sol, pela qual o calor é causado nelas: daí que se acabe dizendo que o sol é quente, se bem que não segundo o mesmo título pelo qual se afirma que as coisas são quentes. Desse modo, diz-se que o sol – de algum modo – é semelhante a todas as coisas sobre as quais exerce eficazmente seu

influxo; mas, por outro lado é-lhes dessemelhante porque o modo como as coisas possuem o calor é diferente do modo como ele se encontra no sol. Assim também, Deus, que distribui todas suas perfeições entre as coisas é-lhes semelhante e, ao mesmo tempo, dessemelhante.

Todas essas considerações parecem extremamente naturais quando nos damos conta de que ocorrem em instâncias familiares e quotidianas de nossa própria língua: um grupo de amigos vai fazer um piquenique em lugar ermo e compra alguns pacotes de gelo (desses que se vendem em postos de gasolina nas estradas) para a cerveja e refrigerantes. As bebidas foram dispostas em diversos graus de contato com o gelo: algumas garrafas são circundadas por muito gelo; outras, por menos. De tal modo que cada um pode escolher: desde a cerveja “estupidamente gelada” até o refrigerante só “um pouquinho gelado”... Ora, é evidente que o grau de “gelado” é uma qualidade *tida*, que depende do contato, da participação da fonte: o gelo, que, ele mesmo, não pode ser qualificado de “gelado”...

Estes fatos de participação são-nos, no fundo, evidentes, pois com toda a naturalidade dizemos que “gelado”, gramaticalmente, é um participio...

Participar é receber de outrem algo; mas o que é recebido é recebido não totalmente. Assim, participar implica um receber parcial de algo (*aliquid*) de outro (*ab alio*). Um axioma de que Tomás se vale diz: “Tudo que é recebido é recebido segundo a capacidade do recepiante” (*per modum recipientis recipitur*). E assim “*Omne quod est participatum in aliquo, est in eo per modum participantis: quia nihil potest recipere ultra mensuram suam*” (I Sent. d. 8, q.1 a.2 sc2), algo que é participado é recebido segundo a capacidade do participante, pois não se pode receber algo que ultrapasse a sua medida (*mensura*).

A *participatio* como sal

Além das comparações com o fogo e a luz, há a comparação com o sal, que apresenta aspectos peculiares, a partir de seu significado na Bíblia.

Quando tomado simbolicamente, o sal – como todos os símbolos – poderá ser interpretado de muitas maneiras: mais ou menos diretamente ligadas à própria realidade em si do sal.

É a partir da base bíblica e do conhecimento “científico” que se darão as interpretações do sal. Tenha-se em conta que a leitura antiga e medieval da Bíblia é complexa: Tomás explica que há, na Sagrada Escritura quatro sentidos distintos: histórico, alegórico, místico e anagógico. No significado histórico (ou literal) as palavras têm sua significação, digamos, normal (estritamente literal ou metafórica: “o homem ri” ou “o campo ri”); no místico (ou espiritual), as palavras têm um outro significado, superior. O sentido místico, por sua vez, subdivide-se em três: o alegórico, pelo qual a velha lei é figura da nova; o anagógico, pelo qual a nova lei é figura da glória futura; e o moral, pelo qual tomamos exemplo para nossa conduta. O “faça-se a luz” de Gn 1, 3 – o exemplo é de Tomás –, na leitura literal, é entendido como a luz mesmo, a luz física, criada por Deus. Já se a luz do “*fiat lux*” for entendida como Cristo para a Igreja, então a leitura é no sentido alegórico; a leitura será anagógica se entendermos “*fiat lux*” como sendo nosso ingresso na Glória por Cristo; e, finalmente, se essa luz é iluminação para nosso intelecto e calor para nossa vontade, então estamos na leitura moral (cf. Super Gal. , cap. 41.7)

A Bíblia, se descartarmos os nomes geográficos, refere-se apenas 25 vezes ao sal: 21 vezes no Antigo Testamento; 3 no Evangelho e 1 em Colossenses. Há, na

Bíblia, uma dimensão religiosa para o sal. Javé ordena a Moisés, que prepare um incenso santo, temperado com sal (Ex, 30, 35); todos os sacrifícios oferecidos a Javé devem estar temperados com sal, nunca pode faltar o sal da aliança com Deus (Lv 2, 13); aliança de sal é aliança para sempre (Nm 18, 19). Essa associação do sal ao sacrifício terá sua importância, como veremos, nas considerações de Tomás.

Já em outro contexto, o sal causa esterilidade na terra (Dt 29, 22), e espalha-se sal no solo quando se quer destruir para sempre uma cidade devastada (Jz 9, 45). Por outro lado, quando Eliseu quer eliminar “a morte e a esterilidade” das águas, joga sal na nascente (II Re 2, 21). E quando uma criança nasce deve ser esfregada com sal (Ez 16, 4).

O sal é uma realidade valiosa: o Eclesiástico (39, 26) enumera o sal entre os bens de primeira necessidade. Não só como o tempero por excelência, mas como conservador de alimentos (o nosso tempo, que tem tantas facilidades – como geladeira – mal pode avaliar essa qualidade). O sal é um bem precioso, a ponto de o dinheiro do salário receber este nome precisamente pela estreita relação entre dinheiro e sal.

No Evangelho, a palavra “sal” aparece em uma única fala de Cristo. Em Mateus, Cristo acaba de proclamar as bem-aventuranças e, ato contínuo, diz: “Vós sois o sal da terra. Mas, se o sal se desvirtua, como ele vai se salgar? Já não serve para mais nada a não ser para ser jogado fora e ser pisado pelos homens” (Mt 5, 13).

Em Marcos (9, 50), uma sugestiva variante: “Bom é o sal, mas se o sal se torna insípido, com que o salgareis? Tende sal em vós e tende paz uns com os outros”.

Em Lucas (14, 34), a mesma passagem tem a forma: “Bom é o sal, mas se o sal se desvirtua, com que o salgareis? Não é útil para a terra nem como esterco e é jogado fora. Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça.”

É interessante notar essa relação com o transcendental *bonum*: ao afirmar que o sal é bom, Cristo está afirmando que o sal é sal: sal bom, sal de verdade, é sal “salgado”. O sal que se torna insosso – diz o Aquinate – é aquele que está em si mesmo privado daquela qualidade própria pela qual ele se diz bom. Mas lemos em Tomás (Catena Aurea in Marcum cp 9 lc 6) que há sais que têm sal e sais que não têm sal (o que permite continuar com o paralelo ser/grança), embora no caso do sal que não tem sal, a rigor, poderíamos perguntar se cabe ainda falar em sal? Ou se não poderíamos aqui invocar um paralelismo com o exemplo do gelo, no qual não cabe falar em “gelo gelado”? Curiosamente, dentre os mais de 20000 provérbios recolhidos no *Dictionnaire des Proverbes et Dictons* da Robert, encontra-se um da tribo Abé (Costa do Marfim), que diz precisamente isto: “O próprio sal não se diz salgado” (Paris, 1989, p. 659).

Seja como for, o texto da *Catena Aurea in Marcum* vai trabalhar com o sal como se o sal recebesse sua salinidade de um Sal, que o é por excelência. O Sal é Cristo e, pela graça, nós podemos ser sal, por participação em Cristo Sal. Aproxima-se, portanto, da análise que já um Agostinho faz da luz.

Cristo Luz em Agostinho

A partir de Cristo Luz, Agostinho estabelece uma importante distinção: a luz que é Cristo; a luz dos cristãos por participação.

Alguém acende uma tocha e, no caso dessa tocha – no que diz respeito à chama que está nela a luzir –, o fogo tem a luz em si mesmo. Já teus olhos, que sem a luz da tocha eram inúteis pois não podiam ver, agora

eles têm luz, mas não em si mesmos. E mais, se da tocha se afastam, caem nas trevas; se a ela se voltam, são iluminados. Mas, certamente, este fogo está a luzir enquanto existe; se quiseres suprimir a luz, extinguirás no mesmo ato o fogo, pois não se pode dar o fogo sem luz. Ora, Cristo, luz inextinguível e coeterno ao Pai, sempre brilha, sempre está a luzir, sempre queima. Pois se Ele não estivesse sempre queimando, acaso diria o salmo [18 (19), 7]): “Nem há quem possa se esconder de seu calor”? Tu, porém, eras frio em teu pecado; converte-te para que te aqueças: se te afastas, te tornas frio. Em teu pecado eras trevas; converte-te para que te ilumines; se te afastas, serás escuridão. Portanto, como em ti mesmo eras trevas, ao ser iluminado não és luz, embora estejas na luz. Pois diz o Apóstolo (Ef 5, 8): “Fostes, em outro tempo, trevas, mas, agora, luz no Senhor”. Ao dizer “agora luz”, ajunta: “no Senhor”. Em ti, pois, trevas; no Senhor, luz. Por que luz? Porque a participação da Sua luz é luz. Mas se te afastas da luz pela qual tens luz, voltas para as trevas. Mas não se dá o mesmo com Cristo, não com o Verbo de Deus. Como não? “Assim como o Pai tem a vida em Si mesmo, assim também deu ao Filho ter a vida em Si mesmo”: para que Ele viva não em participação, mas de modo imutável, e para que Ele seja em tudo a vida. “Assim, deu ao Filho ter vida”. Assim como Ele tem, assim Ele deu. Qual é a diferença? Porque o que Aquele deu, Este recebeu. Acaso Ele não existia quando recebeu? Podemos conceber um Cristo, em algum tempo, sem luz, sendo Ele a Sabedoria do Pai, da qual se disse: “É o fulgor da luz eterna” (Sab 7, 8)? Assim, dizer “deu ao Filho” é como se dissesse: “gerou o Filho e gerando-O deu-lhe que fosse e que fosse vida e assim deu-Lhe ser vida em Si mesmo” Que é ser vida em Si mesmo? Não precisar de vida de outro, mas ser Ele mesmo a plenitude da vida, da qual outros, crendo, têm vida enquanto vivem. Deu, pois, a Ele ter vida em si mesmo. Deu-lhe enquanto o quê? Deu-lhe, enquanto Seu Verbo, a Aquele que “no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus”. (In Evangelium Ioannis Tractatus Centum Viginti Quatuor, XXII, 10).

Nesta clave é claríssima a sentença de Cristo: “Vós sois a luz do mundo”: pela graça, participamos da Luz que Ele é. Nós, que sem Ele seríamos trevas, estamos na luz em Cristo.

Mas e o sal? Acaso Cristo seria o Sal e os cristãos teriam sal, por participação no Sal Cristo? Parece que sim, pois Cristo dirige-se aos apóstolos: “Vós sois o sal...”, dizendo que são sal por serem seus apóstolos.

O sal na tradição patrística

Como se sabe, os Padres da Igreja têm facilidade para elásticas interpretações da Bíblia: não nos deteremos nelas. Indiquemos, brevemente, a título de exemplo, algumas interpretações do sal, de que fala o Evangelho, que apontam para a *participatio*.

Para Cipriano, Cristo já não diz que o homem é lodo da Terra, como Adão, mas sal, isto é, deve ser semelhante ao Pai do Céu (De dominica oratione CCL 43, cp 17). Paulino de Nola, sentindo-se inosso, pede a S. Nicetas que o tempere com um pouco de seu sal (CCL 203, Carmen 27); para Cromácio de Aquiléia, o sal é a Sabedoria de Deus, recebida pelo corpo humano (CCL 218, Tractatus in Mathaeum,

18); o tempero da graça do espírito (ibidem); por Jerônimo nos vem a fórmula “sal celeste” (e não só terreno) (Commentarii in Ezechielem , 4). Para Cesário de Arles, o sal é a sabedoria (Col 4, 6), mas a Sabedoria é Cristo (CCL 1008, Sermo 126, cap. 2); como em Beda o sal designa a sabedoria do Verbo (CCL 1355 In Marci Ev. Expositio, l 3, cp 9).

O texto mais claro, porém, é mesmo o da *Catena*, que Tomás remete a Crisóstomo.

Diga-se de passagem, que não é por acaso, que o Aquinate se refere a Crisóstomo naquele conhecido episódio de sua vida. Um dia, mestre Tomás, acompanhado de alguns alunos, foi visitar as relíquias de São Dionísio e, ao voltar, comovidos ante a beleza e a imponência de Paris – os muros, as torres de Notre-Dame, um dos estudantes perguntou: “Mestre, que bela é Paris! Não gostaria de ser o senhor desta cidade?”. Tomás respondeu: “Mas, que faria eu com ela?”. Querendo dar uma resposta religiosamente correta, o estudante respondeu: “O senhor poderia vendê-la ao rei da França e com o dinheiro construir todas as casas dos frades dominicanos”. E Tomás responde: “Eu preferiria as homilias de Crisóstomo sobre Mateus”.

O texto da *Catena* é sobre a fala de Cristo de que todos – Mc 9, 49 – hão de ser salgados com fogo. Tenha-se em conta que Tomás – em In II Sent. d14 q1 a5 ra 5 – aceita a interpretação de que o sal da água do mar se forma pela mistura de vapor da terra com a combustão causada pelos raios solares etc. E Cristo ajunta imediatamente: “Bom é o sal, mas se o sal se torna insípido, com que o salgareis? Tende sal em vós e tende paz uns com os outros”.

Somos salgados pelo fogo divino, do qual Cristo disse: “Eu vim trazer fogo à terra”. E em seguida fala do sal bom, isto é, o fogo do amor. Se o sal for insosso, isto é, privado de si mesmo, sem a própria qualidade pela qual se diz bom, como temperareis? Há saís que têm sal, isto é, têm a plenitude da graça e há saís sem sal... (Catena Aurea in Marcum cp 9 lc 6)

E pouco adiante, a partir do (inesperado) versículo de Colossenses, identifica, com clareza total, o sal, os saís, com a participação em Cristo Sal: cada um tem de sal tanto quanto é capaz de receber graças de Deus. Daí que o Apóstolo junte a graça ao sal, dizendo: “Que vossa conversa seja na graça, temperada com sal” (Col 4, 6). O sal é também o Senhor Jesus Cristo, que foi suficiente para conservar toda a terra e fez de muitos na terra saís.

Unusquisque nostrum habeat tantum salis quantum capax est dei gratiarum; unde et apostolus coniungit gratiam sali, dicens: “sermo vester sit in gratia sale conditus”. Sal etiam est dominus Iesus Christus, qui fuit sufficiens totam terram conservare, et multos in terra fecit sales.

O sal como *discretio*

Se a consideração de Cristo Sal é para nós, hoje, surpreendente, não menos inesperada é a interpretação que Tomás privilegia para essa salinidade: ele a remete ao âmbito da tomada de decisão, do discernimento, do conselho, da prudência, da sabedoria.

Certamente a moderna supressão prática da virtude cardeal da prudência, como virtude pessoal da maturidade cristã (supressão que dá lugar a um cristianismo de regras e proibições, de “manual de escoteiro moral”) guarda relação com nossa estranheza ao vermos, em outras passagens, que Tomás insiste em que esse sal (a que se refere São Paulo) é o discernimento da sabedoria:

Sal autem discretionem sapientiae significat (Super Ep. ad Rom. c. 12l.1).

Per salem intelligitur discretio: quia per ipsum omnis cibus conditus est sapidus; ita omnis actio indiscreta est insipida et inordinata (Super ad Coloss. c. 4l.1).

In sale significatur discretio sapientiae (I-II, 102, 3 ad 14).

Entre outras possíveis interpretações¹, Tomás privilegia a do discernimento da sabedoria: que o cristão guie suas ações pela união com Cristo – Sabedoria e Sal – e, assim, seja capaz de sacrifícios (até mesmo, se for o caso, o sacrifício supremo do martírio) e da realização de toda obra de justiça (Super Ep. ad Rom. c 12, l 1).

A prudência – prudentia nihil sit aliud quam quaedam rectitudo discretionis (I-II, 61, 4, c) – iluminada pela união com Cristo é hoje virtude tão esquecida como a própria imagem de Cristo Sal.

Referências

GUIMARÃES ROSA, J. *Noites do sertão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 6a. ed., 1979.

OCÁRIZ, F. *Hijos de Dios en Cristo*. Pamplona: Eunsa, 1972.

WEISHEIPL, J.A. *Tomás de Aquino – Vida, obras y doctrina*. Pamplona:Eunsa, 1994.

¹. As associações desfilam nas *Catena*: a sabedoria divina, pregada pelos apóstolos, como o sal, seca os humores das obras carnavais etc. e conserva para a eternidade. O sal, que provém do fogo da caridade; do vento do Espírito e da água do Batismo etc.